



Jornal

O ARANHIÇO

800-11122

1942

SUMÁRIO

- Infante de Sagres
- Perguntaram-me Se...
- Constatou-me Que...
- O amor e as rosas!..
- Fotografia
- Os materialistas
- Pela cidade
- Sanctos do Sepol
- Educação Física
- Soneto
- As amigo G.
- Mulheres
- Panorama Literário (Sintese)
- Dança Macabra
- Estar Pronto!...
- Sanctos do 3º Nenhum
- Se és capaz
- Monstrosidades africanas
- Agradecimento
- Não esqueças Quedes
- Adieu Nuno
- Os cinco mandamentos do (ninguém amor)
- Charadas
- Quedotas
- Pensamentos, etc...

A Obra

No momento em que a nossa querida fôlha é entregue aos leitores, completa um ano de existência.

Com a publicação deste número inicia-se portanto uma segunda série do aguarelista humilde que durante um ano, nos soube transmitir com tintas vivas e sugestivas, a paisagem alegre ou emotiva do nosso pequeno mundo - a velha Sedção.

Merce de várias circunstâncias, foi a sua publicação suspensa durante meses. Mas isso morreu no turbilhão das coisas idas... bem contra a vontade dos destruidores de barreiras, que tudo criticam, talvez por nada de real saberem fazer.

Agora, novamente, o "Aranhico" debruçando-se sobre os pequeninos nada, transmite-nos com vivas pinceladas, através das quais se sentem estremecer fremitos de emoção: os nossos medíocres, os breves das nossas deusas, as terríficas aventuras de audazes colegiais, que não são mais do que: - a nossa vida de estudante e Pupilo.

Velhos escrevei...
Novos escrevinhai...

Pois é o espírito juvenil da nossa idade quem comanda a obra e vincula-a ao lema do Instituto:

"QUERER É PODER"

E assim quando a vóragem do tempo nos despir "a farda côr do céu"; estaremos sempre dentro dela e sentir-nos-emos novamente Pupilos, ao desfolharmos estas saudosas páginas.

Vendo através delas como num "écran" figuras e momentos da nossa mocidade, já esquecidos, mas que se evocam sempre com saúde.

DESDEM



O Infante de Sagres

Cessa tudo o que a musa antiga canta
Que outro valor mais alto se levanta

Camões, pintou no painel vivo dos
Luziadas, em traços indeléveis, os
mais heróicos feitos da nossa epopeia
nautica (séculos XV-XVI).

Mas, entre essa pleiade de vultos,
que vivem eternamente a través das pá-
ginas gloriosas do imortal poema, des-
taca-se um, o infante de Sagres, au-
reolado por um diadema diamantino -
a nossa esfera armilar, tendo, como
panos de fundo, esse mar que elades-
cortinou, arrancando do seio o misté-
rio insondável de há milénios.

Nasceu o infante na última década
do século XIV, no momento em que a na-
ção transpunha os umbraes duma nova
dinastia e rechaçava para bem longe
o invasor, quindando ao mais alto, o
sacrossanto sentimento da Nacionali-
dade. Filho do Mestre de Aviz e de
D. Filipa de Lancastre, o infante D.
Henrique - paradigma supremo do su-
bjectivismo idealista, - foi o magis-
tral intérprete da vontade dinâmica
duma raça que bebeu por forte tempera
os mais puros e altos ideais.

Com 21 anos, horas antes de ser ar-
mado cavaleiro, de elmo caído e de es-
pada em riste, foi o primeiro em Ceu-
tal.

Aí colheu os conhecimentos confu-
sos e amalgamados por uma civilização
milenária das regiões do sul da Gui-
né e das longínquas terras do Preste
João - exórdio dum vasto empreendi-
mento.

Volta na armada a Portugal e traz
consigo os gérmenes que hão-de contami-
nar a lusa-grei, na ânsia do mar, das
caravelas, do desconhecido!..

Então o infante, para melhor se
dedicar a tão vasta empresa, foge da
côrte, e refugia-se em Sagres (1418),
onde, dispondo das rendas da Ordem de
Crásto, funda uma escola nautica, e
reúne num cenáculo de peritos na ar-
te de abster o tridente de Neptuno:
nautas, artífices, matemáticos, geó-
grafos, etc. Aqui forja os heróicos
peoneiros que a bordo das caravelas
da Cruz de Cristo, hão-de percorrer
todos os mares, semeando ossadas e
vertendo sangue, e erguer a bandeira
das quinas, nas mais ágnatas regiões
e sempre com uma crescente fé, tita-
nizada pelas aptidões etnicas e pelas
vagas de heroísmo daqueles que pela
primeira vez na História balbuciaram
a palavra Saúde.

O infante possuída duma gigantes-
ca vontade, trabalhou durante quasi

tôda a sua vida, em prol da Humanida-
de. E assim as caravelas partiram, sin-
gando as vagas do oceano, e foram -
"Mais Alto e Mais Além", ora custean-
do palmo a palmo a raia africana, ora
afastando-se para descobrirem a Madei-
ra, os Açores e Cabo Verde...

-E ele, o solitário monge, de pé,
do mais alto pinheiro dos rochedos de
Sagres, interrogava o temebundo mar,
esperando as caravelas, que haviam de
chegar.

Dessas terras em que já palpitava
e chama sagrada da Pátria - pedaços de
alma lusa mui além! e onde os nautas
portugueses, foram levantar padroes
de gloria e soberania. E elas vinham
e tornavam a partir num nunca descan-
çar, para, com suas rotas, escreverem
as mais belas páginas da nossa histó-
ria Pátria.

Portanto, 13 de Novembro, o dia da
morte do infante, é uma data que já
mais poderá passar despercebida!.. Es-
quece-la é esquecer que somos um povo
de nautas, dignos descendentes do In-
fante Navegador!

Prestemos pois homenagem ao infan-
te de Sagres - precursor da mais vas-
ta epopeia, que o género humano jamais
viu, e que terá eternamente guarida
no coração dos Filhos da ditosa pátria
de Camões.

DESDÉM.

PREGUNTARAM-ME: Se

- O tamanho da cabeça do Sentieiro de Almeida é constante ou variável.
- O Dias vende ou não vende o esqueleto.
- O Matos nunca mais deixa de aarçar os "Aranhicos".
- Afinal, o ferro é duro ou mole.
- O "Mickey" ainda padece de bromidrose.
- O Guedes já foi ao banho.

CONSTOU-ME: Que

- Afinal, o Dias sempre vai ao Ciências.
- O Sagado, com os lucros dos rebuçados vai comprar uma concha nova.
- O maior desgosto do Vitor é não poder deixar crescer a pèva... por falta de queixo.
- O pintor Kinguedes vai utilizar as cuecas usadas como sucedaneo da tela para pintar.
- O Mósca já cresceu mais uns micras.
- Que o Bobina já foi ver a Ba-lalaika.
- No momento em que eu estou a escrever estas palavras o Orlando está a fazer uma bodega qualquer no quadro

O Amor e as Rosas!

O Amor é como as rosas: é de duração efêmera e só floresce entre espinhos!.. As mulheres, como as rosas, quanto mais se pisam melhor se lhe sente o perfume! As rosas são a graça das virgens e as virgens têm a graça das rosas!..

Rosa ao peito, amor no peito!..

Um botão de rosa é uma rosa em botão o coração duma mulher aos quinze anos!..

Uma rosa fanada é a imagem dum amor que findou.

Há o amor que não aspira à posse, e o amor que não aspira senão à posse: o segundo sem o primeiro é uma rosa sem pé; o primeiro sem o segundo é o pé da rosa!..

Um jardim sem rosas é como um coração sem amor!..

A rosa é a rainha das flores, o encanto dos jardins, e o amor é o mais sublime de todos os sentimentos, o verdadeiro encanto da Vida!..

O homem que ama gosta de flores: são brechudo das rosas!.. porque a rosa é a flor do amor, a doce mensageira dos namorados, a predileta flor de todos os quantos na alma sentem a voz do amor e da poesia!.. Foi feito com rosas o milagre da Rainha Saptal!..

"Para que ninguém se sirva delas como intérprete de más acções" é que as rosas possuem os espinhos que raras vezes perdoam...

Quando o amor é correspondido e feliz a Vida é um mar de rosas... onde os espinhos não faltam mesmo assim!.. Quando o não é... a Vida é uma coroa de espinhos!..

Rosas brancas, vermelhas e amarelas. Loiras, pálidas, morenas...

Rosas brancas! o amor casto, o amor constante, da candidez dos lírios, da candidez... das rosas, fonte inesgotável de poesia, causa de tantos heroísmos!..

Rosas vermelhas... cor de sangue: que bem podem simbolizar o amor arrebatado, o amor fegoso, o amor ciumento, o amor que devora, o amor que consome, o amor ardente que, ardendo se transforma em cinzas ou conduz ao crime...

Rosas amarelas! que fazem lembrar certos amores desgraçados que nascem, vivem e morrem sem nunca se terem mostrado à luz do dia! O amor que a sorte não bafeja nem a esperança alumia! O amor que não sonha!..

O pudor dá ao amor a graça que dão as rosas umas gotas de orvalho cristalino. O impudor dá-lhe o triste aspecto duma rosa "separada da haste"!.. Não há sem espinhos, nem amor que não tenha a sua cruz: o sofrimento anda sempre unido ao amor como os espinhos à rosa!..

O Tempo mata o amor como o vento das
(Continua na pag. 33)

FOTOGRAFIA

Instado para que fizesse "qualquer coisa" para o nosso pequeno jornal que completa hoje 1 ano de existência, confesso que fiquei de momento um tanto indeciso no que havia de fazer.

Resolvi finalmente dizer qualquer coisa sobre a Fotografia que ocupa nos nossos dias lugar de alta importância.

Não há quem não goste de observar esses pedaços de papel, em que, pelo maravilhoso poder da Fotografia, nos mostram pessoas amigas que se encontram em paragens longínquas, nos trazem sempre presentes os momentos passados na juventude, nos preparam os primores da natureza, enfim que nos mostram todas as maravilhas que o homem já mais viu.

Quem será capaz de negar o seu poder maravilhoso?

Ninguém! Assim o prova o sempre crescente número de adeptos que a ela se dedicam com afimco tornando-a cada vez mais vasta e cada vez mais perfeita.

Assim, uma arte que a princípio era quasi desprezada com o aparecimento e rápido desenvolvimento do cinema, viu-se de repente elevada e engrandecida pelo valor dos seus princípios.

E o seu desenvolvimento continua de forma tal que os seus braços atingem todas as actividades da vida humana tais como a medicina, industria, etc. e finalmente vem a desempenhar um papel de capital importância na guerra moderna.

Tratados, agremiações, revistas e muito mais, tudo é feito para desenvolver esta nova arte chamada Fotografia e tudo aquilo que mais se fizer só poderá ter como resultado o aumento de perfeição e acréscimo de meios para ela progredir e elevar-se cada vez mais.

Os seus aparelhos fazem-se hoje com uma perfeição tal que por vezes somos levados a julgá-la cheia de obstáculos intransponíveis, mas em tal não creiam.

É o erro que o indivíduo à medida que vai progredindo vai encontrando sucessivas surpresas que ameaçam tolher-lhe o passo, mas com persistência e paciência triunfamos sempre.

E aguardemos o futuro que surpresas trará para esta arte que mercê do seu valor mostrou ao mundo maravilhas que em grande parte desconhecia.

JOSÉ ALFA.

Aos Materialistas

Deixar divagar o pensamento às regiões etéreas da fantasia. Embrenhar bem em ilusões queridas, purpurinas visões dos sonhos, as mais ardentes e suaves melopeias do amor, e voar às longínquas paragens do ideal, num mixto de encanto e de beleza, é viver a vida acima da humanidade inteira, num paroxismo quimérico, que nos delicia a alma e espraia o espírito num êxtase de emoção.

Não pode - desafio os materialistas - o coração da mocidade, agitado pelo vigor viril da idade, criar no seu peito, alimentar na sua mente, só o real da vida, só a matéria bruta, verdadeira mas negra, sem que o seu pensamento, o seu sentir, direi mesmo o seu todo, arquitecte, tismado a azul e vivo, as mais lindas, as mais doces, as mais sentidas espiritualidades, fruto expontâneo da primavera da vida.

Sejam quais forem as doutrinas, quaisquer que sejam os moldes de educação, a mocidade há-de sempre sonhar em vaporosas visões, e são estas, o cenário mais belo da existência.

Mas nem a vida é um sonho, nem a sonhar se vive. Á volta de todos, num ambiente pestífero, muitas vezes disfarçado por perfumes estonteantes há a verdade, há a vida. E quando embriagados ainda pelo odor da fantasia despertamos, cambaleamos, cega-nos a luz da realidade, ententece-nos o ruído vozes dos homens.

São depois aqueles, os degradantes pessimistas, que encontraram estrume em vez de flôres! São os iludidos, os vencidos, os micróbios estúpidos e mal dosos, os constructores de barreiras, os aniquiladores de ventades. E porquê? Porque vivendo na superfluidez da imaginação toldada de verde esparançoso e róseo de ilusões, esqueceram-se que o negro e o amarelo também existem.

Não! A mocidade não deve viver num estado de inconsciência, num estado enganoso, deve-se ver a vida tal qual é. Devem-se encarar as dificuldades como são, vencê-las com positivismo, receber as facilidades sem exaltação. Mas tudo isto - lanço mais um repto aos materialistas - em nada inibe, que se ame com o coração, que se destruam ilusões e que se refraie o espírito, não o deixando voar aos empórios quiméricos do amor, onde a música é mais sentida e as flôres mais odorosas.

GAS

A mulher é a obra mais perfeita do universo.

Lessing

Pela Cidade...

Sexta-feira. É noite.

Pelos passeios duma das mais frequentadas artérias lisboetas circula a multidão, essa multidão de sempre, a multidão "alfacinha".

Sobre a estrada, a cujo asfalto uma chuva miudinha e persistente empresta um tom brilhante, rolam carros de luxo, pesadas "limousines" de linhas aerodinâmicas.

E os transeúntes lá vão caminhando, golas erguidas, mãos nas algibeiras.

As montres, com as suas luxes, compõem este cenário, a um tempo feérico e polícromo.

O "brouhaha" de este conjunto tem algo de excitante; o buzinar ruidoso dos "klaxons", o trinar do apito dos sinaleiros, e os mil e um ruídos que se despendem de toda esta gente saturam a atmosfera de vibrações confusas que obstam a percepção da vida real.

Súbitamente, perto de mim, irrompe nos ares um pregão agudo, qual grito estridente de alma dorida:

- É o 1349! Quem compra o 1349! É amanhã que anda a roda!

Voltei-me. Era um gaíto. Dois palmos de gente, infantil quasi, e já lançados no bécatro imenso que é a vida. Faces mamilentas. Olhitos encovados.

- É o 1349! Quem compra o 1349! É amanhã que anda a roda!

O timbre infantil daquela voz tinha qualquer coisa que me impressionou.

Fantasia!

Pobre pequeno! Tu esforças-te por vender essas cautelas pois sabes que, se o não conseguires, o teu padraço te moera com pancadas.

E nem a recordação da tua terna mãezinha, já falecida, poderá abrandar os furores desse bruto alcoólico que é o teu padraço.

Desperto desta fantasia e prosseguo o meu caminho tentando alhear o meu espírito daquelas faces mamilentas e olhitos encovados. Meu grado meu, não o consigo...

...E squêle pregão agudo, qual grito estridente de alma dorida, continua a martelar-me os ouvidos:

- É o 1349! Quem compra o 1349! É amanhã que anda a roda!

DINO

Todos os raciocínios do homem não valem um só sentimento da mulher.

Voltaire

Sonhos

Quem me dera...

Librai-me lá nas núvens, e, poder,
 Naquele azul celeste me banhar,
 E, tudo o qu'esta alma deseja ver,
 Ufano lá dos céus eu divisar!

Isso sim, Oh mortal, era viver,
 Riqueza essa para ti era sem par!..
 Como o vento veloz, poder correr!
 Quem me dera ter asas p'ra voar...

Dizer no espaço adeus às ávezinhas,
 Ver e brincar na terra as criancinhas,
 Nela, lidando, os homens com afan;

Voar, voar, voar, transpor mil serras,
 E depois de passar terras e terras,
 Queria abraçar-te, Oh minha Covilhã.

Ai quanta fôrça!..

de

O Sonho!

Oh, Perversa, com que ferocidade,
 As vidas continuas e ceifar!..
 Não vês o coração da humanidade,
 Aos pedaços? Não basta de vingart!..

Sanha feroz, pretendes esgar.
 -Porque só vive em ti a atrocidade,
 As mãs, sem fôrça, os filhos vais rodar!
 Sugas-lhe o sangue! O dó a piedade?

E a minha alma qu'está a perceber,
 Os queixumes do mundo qu'amarfenhas,
 (Triste pungir que a rasga e faz doer),

Queria que Deus lhe desse mãos tamanhas
 Duras como tenazes, p'ra poder,
 Apterar com vigor, tuas entranhas.

Tinha a alma desesperada, inquieta,
 Pus-me a sonhar, e vi-te ó divindade
 E agora tudo nela é felicidade,
 Como se fôsses tu uma profeta!

Quando sonhei a índole do poeta,
 Vivia para ti bela deidade,
 Num cantinho, bem cheio de claridade,
 Deste que enfada, excêntrico planete.

Was, Oh, o sonho, como o vi nascer,
 Também, tristonho, o vá a fanecer,
 E, lastimo-me, pois tudo acabou!

Mas não acaba, esta ilusão infinda,
 Não sei se por seres bom ou por seres fã,
 Meu coração de ti se enamorou!..

Sepol

Educação Física

É do conhecimento geral a forma assaz louvável como se está procedendo ao aproveitamento de todos os elementos que possam contribuir para um maior desenvolvimento físico dos educandos do Instituto.

Nunca é demais encarecer as vantagens que advêm de tudo aquilo que for susceptível de se sujeitar ao título de Educação Física.

Meus sana in corpore sano... Sabedo dos antigos e trilho da verdade a percorrer pelos novos... O desenvolvimento físico acompanhando, par a passo o desenvolvimento espiritual.

O incremento que a actividade desportiva toma na presente ocasião é de molde a conduzir ao caminho da saúde e do vigor todos os espiritos, até mesmo os anti-desportistas - desculpem o termo a-pesar-de, a um rapaz que nasceu no século XX, século das luzes, repugnar a ideia de que possa existir alguém que, tendo capacidade para praticar qualquer um desporto, não o faça, muito embora essa prática se realize, como é da maior conveniência, dentro daqueles limites que asseguram ao desporto uma efficacia absoluta.

Os fins a atingir pela Educação Física e, em especial, pela Ginástica não são meramente físicos; mais que isso, a prática assídua da Ginástica sujeita o corpo ao domínio da razão, disciplinando a vontade.

Ai dos fracos, nesta época difícil que o mundo atravessa, época de prepotências e de injustiças sem qualificação possível.

É agora, mais do que nunca, que os benefícios da Educação Física se evidenciarão. A Pátria, educando-nos, em que sejamos disciplinados, com vontade firme, corpo ferreo e que, desorriso nos lábios, agora, na hora da morte e sempre, saibamos clamar bem alto:

Portugal! Portugal! Portugal!

DINO

ANEDOTA

Dois sujeitos batem-se em duelo:

- O seu nome?
- Simplicio Coelho.
- Coelho?... Então não posso bater-me.
- Porquê?
- Porque não tenho licença para caçar.

Na origem de todas as grandes coisas há sempre um mulher.

Soneto

Es linda, meu amor, como lindos
São os anjos que pairam p'los céus.
E, ao ver-te, desejos infindos
Sinto de beijar os lábios teus.

Colar a minha à tua boca
Num beijo brutal, estonteante.
Dar-te a minha alma e entroca,
Beijar essa boca fascinante.

Beijar-te e depois que venha a morte
Não me importa, pois tive a sorte
De sentir o calor dos lábios teus...

E, se morrer, posso comparar
Com amor, a luz do teu olhar
Co'o dos anjos que verei nos céus!...

DINO



Recostei-me, há uns dias, deleitoso
Num fofo "maple" ou semelhante invento
Com meu pensar, às vezes escabroso
De leve repousando. Que portentel

Devaneando, então, lanço um lamento,
Ao mar tranqüilo, ao ar, ao céu nuvooso,
À chuva, ao sol, ao furioso vento!
Sonhar é para mim supremo gozo.

Não me conheço já, estou iracundo
Por três vezes ou mais respiro fundo
E, êsse, qu'ê maldito, lugar deixo.

Lembrei-me, Oh! Deus, qu'ês já amigovelho
De olhar, numa parede, p'ra um espelho.
E vi a minha imagem, mas... sem queixo.

SEPOL

Amar é viver sofrendo.

Mulheres

Um padre, que eu conheci, reitor duma freguesia, dizia frequentemente: "Todas as mulheres juntas não valem uma lágrima". Furo engano. Quanta mulher por quem se sofre! Quanta e quanta mulher por quem se ahora!

Recordo-me ainda como se fôsse hoje. Um dia, há quatro ou cinco anos, antes de estalar o terrível flagelo que assola a Europa, anunciou-se em Paris, um leilão elegante. Uma das mais lindas mulheres do "demi-monde" da capital, que tinha o capricho das pérolas e, que mostrara todas as noites numa frisa da Opera, as suas admiráveis espáduas, dignas de suportarem os catorze filhos de Niobe, morrera, como Maria Duplenis, das consequências de um resfriamento e deixara aos seus herdeiros, um irmão e uma sobrinha, todo o recheio da casa que lhe puzera o conde de ..., num primeiro andar da rua ... Dizia-se, que essa casa, mobilada por artistas das mais qualificados, era um modelo de distinção e bom gosto, o tipo perfeito e moderno do lar de arte, usado então em França; com móveis de Dufrenoy, um discreto intimismo, um surpreendente vitral de Carot e a mais bela coleção de ferros forjados de Branquemat e de Cranet - lâmpadas, lustres, fechos de portas - que deslumbrariam um maior de decorações da época.

Fui assistir ao leilão. Imensa gente, uma atmosfera de fumo, um calor asfixiante, uma luz doirada e quieta de meia tarde. A voz rouca do leiloeiro gritava, qual charlatão de feira, entusiasmando os espectadores para se divertirem. Tinha-se começado naquele momento o leilão do quarto de vestir. Havia no ar o vestígio, o depestre, a sombra de um perfume. Grupos de rapazes, "chapeu para a nuca", falavam alegremente da morta, rindo, comentando, fumando. Uma inglesa grave, miope e loira, examinava ao pé de mim a marca de um guarda-joias Limoges. Uma réstea de sol ia afagar Três Amores cor de rosa que brincavam a um canto do tapete de Jonand. Três, quatro cabeças de pau, a barba por fazer, as mãos grossas e enormes, lutavam, picavam tudo. Procurei desinteressar-me da gente que me rodeava, para observar melhor aquele conjunto interior tão galante que conhecera a perturbadora intimidade duma mulher.

Era um Império-Jalot, verde-malva e ciro, gracioso, delicado, ligeiro onde tudo parecia evocar na macieira dos estofos, na alma luminosa dos espelhos, na vultuosidade enorme e crepitante das redas, o corpo orgânico, que se fora que se espizera, que

palpitara ali.

Dir-se-ia que a profanação de um leilão não tinha tocado o mistério daquele pequeno templo. A graça feminina penetrante e imortal, sobrevivera ao que nessa mulher tinha havido de expãndido e efêmero. Sentis-se, ainda em tudo, num laço de fita em que ninguém tocara, num solitário onde morrera uma violeta, o encanto, a esparitualidade das suas mãos, essas mãos que bastas vezes me haviam recordado as de Gioconda. Enquanto o pregoeiro punha em praça um lote de meias de seda, entre risos que eram uma afronta para o pudor do cadáver, procurei reviver na memória, traço a traço, a figura dessa pobre "vamp", a sombra de melancolia que as longas pestanas projectavam sobre a sua face duma palidez doirada, a sua aparente frieza desdenhosa, que chego a ouvir e consequentemente a recordar-me da tão conhecida frase de Barbey de Aureville: "Oh! Le corps de cette femme était sa seule âme". Para mim que a não tinha conhecido intimamente realizava o tipo glacial e enérgico das mulheres que todos desejam e que ninguém ama, simultaneamente apaixonam e desencantam, o que vivendo da febre insaciável de amar, morrem sem ter conhecido no bálsamo das lágrimas, a consolação e a doçura do verdadeiro Amor. No orgulho da sua insensibilidade e da sua beleza pensava eu que essa mulher que despertara tantas paixões, tinha morrido sem um afecto.

Lancei demoradamente um último olhar a esse templo de Deus morto e quando ia a retirar-me, retrocedi num movimento de inexprimível curiosidade. No corredor, junto do quarto de vestir, havia uma porta. Entrei e na meia luz do quarto, de joelhos junto ao leito que fôra dessa mulher, dessa mulher que eu julgava incapaz de ter despertado um sentimento profundo, um rapaz loiro, fato preto, com um lenço nos olhos chorava convulsivamente.

A.P.D.

Panorama Literário

(Síntese)

"Pupilos do Exército":- afinal vai sair.

"O Diabo":- recolheu ao Inferno.

"O Aranhão":- o morto que voltou à vida.

"O Pilão":- o nado morto.

"O Ponney":- o Messias prometido.

O Matos é o maior cerraça da Espanha.

Dança Macabra



Vivia eu com meus pais em Cherburg e após falecimentos sucessivos, apenas intervalados de dezoito meses, fui obrigado a empregar-me como guarda-municipal no cemitério da cidade.

Era tarefa minha assistir ao enterro dos mortos e guardar o cemitério pela noite fora. Disso me provinham alguns sustentos aliados àqueles que usufruía com o chumbo dos caixões que roubava ou dos anéis que encontrava nos dedos já putrefactos dos cadáveres.

Parte do dinheiro ficava sem êle pois se o vinho ali era tão caro, e a outra parte enviava-o para Portugal onde tinha uma tia de oitenta anos, uma casa de ferro-velho e por certo ainda os mesmos vestidos tais com que a deixei à saída de Portugal quando da minha vinda para a Alemanha.

Naquela noite dormia eu tranqüilamente, acostumado já à convivência dos mortos que me sustentavam quando ao bater das 24 na torre de Walters-trasse, senti ao roçar-me as faces alguma coisa dura e gelida, muito frio, que quando se chocava produzia um som ôco, como castanholas abafadas e manejadas por qualquer demônio.

Acordei sobressaltado e quiz levantar-me. Vi contudo estupefacto que não podia. Sentia-me pregado àquelas tábuas. Quiz mexer-me e sentia mortos os músculos e parado o coração.

Os olhos cerraram-se-me então e nada mais vi. Senti apenas que o fantasma que eu adivinhara, já me introduzia os seus dedos esqueléticos, só ossos pelos olhos dentro, sempre mais e mais e depois vasculhava pela cabeça toda a massa cinzenta que puxava para fora.

Dava saltos e os ossos não se lhe desconjuntavam. Tinha vida por certo aquela alma macabra! Depois não satisfeita, comprazia-se em rasgar-me o peito com uma faca de que eu me servia, e aberto este apertou-me o coração rijamente, com força danada, sempre mais, sempre numa maior convulsão. Ah, eu bem lhe sentia aqueles ossos nas entranhas!

Dançou sobre mim, numa dança macabra, horrível e a pouco e pouco ia cortando uma orelha, o nariz, picando a testa, partindo as unhas, sempre dançando expandindo uma alegria horrenda sempre muda e misteriosa. Calcando-me o ventre com alnodada força, esmigalhando agora caprichosamente todos os ossos de meus pés, reduzindo-os a uma pasta informe e pastilosa, e lançando-os com forças as entranhas

tudo para fora numa exposição fantasmagórica prelúdio duma boda arrepiante. Tudo isto consumado no horrendo casinholo que me servia de guarida e onde tudo eram trevas.

Senti depois que me lançava o pescoço já sem vida, sem sangue, sem o arquejar final da vida que se espalha. Então num esforço supremo numa vontade sobrenatural, heroica, pude levantar-me num salto e acender a luz. Nada pude vêr que se coadunasse com os quadros horripilantes de há pouco.

Olhei o relógio e eram duas horas; a hora da colheita, a hora em que eu, com a minha faca ia cortar os dedos dos mortos, que mesmo mortos, faziam luxo em se continuarem adornando! Olhei então a minha faca; ela lá estava, sangüinária, tímida, serafandante talvez, fria e muda, preversa no misticismo hipotético de brandura e preversidade, ela lá estava no mesmo sítio, ouvindo indifferente o piar das corujas nos altos ciprestes. Ela ali estava onde a havia colocado. Vi afinal que nem sequer acordara à meia-noite e que tudo não mais era que mais um sonho mau.

HORROR.

ESTAR PRONTO!..

Diz-se de alguém quem morre: já está pronto. 'Stá pronto... para quê?!

Já não fala, não ouve e já não vê e é isto o que se chama estar já pronto.

Mas pronto para quê?... O mundo é louco, sim! O mundo é tonto: diz que está preparado, que está pronto quem não fala, não ouve e já não vê!..

Zé Ninguém.

(Continuação da pag. 3ª)

desfolha as rosas!.. Uma rosa fanada é a imagem dum amor que findou!.. No entanto, as rosas passam e ... os espinhos ficam; morre o amor mas fica a saudade! O amor é a rosa que passa, a saudade - os espinhos que prevelecem!.. Para o Amor, como para as rosas, há primavera, verão, outono e ... inverno!..

Rosas de todo o ano: amores de sempre!..

ZÉ NINGUÉM.

A Sociedade depende das mulheres. Os povos que têm a desgraça de as escravizarem são miseráveis.

Voltaire.

Sonetos

Em Busca do Ideal...

Aos vinte anos, quando eu fui poeta-
-Que eu também fui poeta nessa idade! -
-Sonhei com uma casinha - uma herdade
num cantinho qualquer d'êste planeta!...

Minh'alma então preocupada, inquieta,
hé muito que buscava a divindade
que a povoaasse, e desse claridade
a êsse ninho - essa mansão discreta!...

minha a cor da dor

E quando achei uns olhos de mulher
que era tal qual a que eu buscava ver,
perguntou-lhes assim meu coração: -

-Sois vós quem eu procuro? - Eles: - eu sou!
Abraçou-os bradando: - enfim... chegou!
Mas veio o tempo e disse: - ainda não!

Olhos escuros... do... Dizer adeus!..

Olhos escuros:- noite sem luar!
Olhos de côr da capa de Hamlet!
Eu quizera ser Deus p'ra desvendar
aquilo que só Deus desvende e lê!...

Quizera amar-vos sem vos odiar!
Amar-vos, sim! Oh! mas saber porquê!
-Olhos da côr das noites sem luar,
olhos da côr do côrvo de Pöel!...

...Eu fui em busca de mais sol, mais luz,
farto de escuridão já andava eu:
e fui dobrar o peso à minha cruz!...

Cruz tão pesada que é do meu receio,
- mesmo com risco de ofender o Céu! -
ter algum dia que parti-le ao meio!...

Dizer adeus!... Vós afirmais que existi
nesta palavra uma tristeza ingente!...
E que ela tem não sei que som plangente
que depois da partida ainda persiste!

Adeus é triste, mas não é tão triste
Como vós afirmais teimosamente!...
Quem tem coragem para o dizer não sente!
Quem não diz é quem lhe não resiste!

Dizer adeus não custa! Custa, sim,
a gente não o dizer mas ir-se embora!
Eis o que às vezes me sucede a mim!...

No coração a dor! E os olhos meus
Tristes, assim a modos de quem chora
e eu sem poder articular:- adeus!...

Le Ningüém

Se és capaz...

Se és capaz de manter o sangue frio, enquanto os outros à tua volta fazem desaparecer a manteiga do prato e te deitam as culpas, chamando-te "fussão";

Se és capaz de fiar-te em ti próprio quando vais para um exame, sem pescar nada do assunto e no entanto mostrares ao professor que sabes a matéria toda;

Se és capaz de esperar pela saída de sábado sem cansar a esperança e de resignares quando estás castigado, e tudo isto sem dar-te ar de modelo dos bons;

Se és capaz de sair do refeitório quando o segundo é peixe com azeite nas, e sonhar que tens a "dorga" cheia, sem passares pelo Aguiar;

Se és capaz de às seis horas da manhã, em pleno Inverno, tomar um duche de água gelada, sem despir o pijama;

Se és capaz de sofrer dores nos calos, desde a Baixa ao Instituto, com bilhete de ida e volta em "Auto-Buses", e de ver destruído o janta que sonhaste no trajecto e esperar até ao café do dia seguinte;

Se és capaz de fazer do que tens um montinho e de arriscar cinco lécas, numa cautela e perder e seguir de novo o teu caminho sem que te ouça um queixume o teu companheiro de carteira;

Se és capaz de dar um estenderete a todo o comprimento, agüentando-te assim, quando tens a caderneta cheia de batatas, e a vontade que te diz: agüenta;

Se és capaz de dar uma cabazada de 3-6 aos meninos da Luz, conservando-te humilde;

Se não podes abalar-te o aborreço do toque da corneta, na alvorada, e continuas a roncar depois de te virmos para o lado contrário;

Se és capaz de guardar para amanhã, aquilo que podes muito bem estar hoje, fazendo frente, vigorosamente aos ataques da lazeira;

Se és capaz de comer ao almoço batatas guizadas com carne e ao jantar, para variar, carne guizada com batatas;

Se assim fôres, meu filho, marcarás em toda a parte, não calharas na loaria, irás no domingo ao Condes e tudo terás na tua mão...

Mas (ainda melhor que tudo isto) se assim fôres serás BILÃO.

SEPOL.

Monstruosidades Africanas

Há muita gente que faz da África um monstro terrível; uns dizem até, ser ela só habitada por selvagens. Os que assim pensam, podem-se considerar grandes ignorantes.

Olhando para a capital da nossa maior colónia, Angola, vemos na verdade, uma cidade que tem progredido duma maneira extraordinária, sob todos os pontos de vista. Digo isto referindo-me à esta cidade, sem espírito de invenção, pelo facto de ser oriundo dela.

Pois bem, há que já me fizesse perguntas, que são verdadeiras barbaridades. Assim por exemplo: "Há meninas brancas em África?". E ainda piores, que nem parecem ser proferidas por pessoas com uma certa cultura intelectual.

Uma ocasião, tive uma conversa com uma certa pessoa (pessoa essa de muita consideração minha), que depois de tratar vários assuntos, recaiu na ida duma outra pessoa, para o planalto do Bihe; pois logo se saiu com esta: "Coitada..., Com certeza que não volta mais à metrópole!" Pois sendo o clima do Bihe, igual ou melhor do que o da metrópole por que faria semelhante observação?

Por conseguinte habituem-se a dizer o que é lícito e não barbaridades.

TURZA.

Agradecimento

Recebemos, da Fábrica de Vidros da Marinha Grande "A Lusitana, Lda", e por intermédio do nosso camarada Santelices de Lima, um elegante e artístico cinzeiro, que será sorteado pela próxima Lotaria Nacional, como consta da senha que acompanha este numero.

Da mesma fábrica e pela mesma via, recebemos também vinte e cinco berlindes.

A Fábrica de Vidros da Marinha Grande "A Lusitana, Lda" e ao Santelices de Lima, os nossos agradecimentos.

Anedocta

Um repórter despedindo-se de outro no escritório da redacção:

- Adeus "pá", talvez não nos tornemos a ver "pá"!

O colega:

- Porquê "pá"? Vais com ideias alastradas "pá"? Despedes-te do jornal "pá"?

O repórter:

- Não "pá", Não é nada disso "pá". Vou entrevistar o homem "pá" que inventou um novo explosivo "pá".

BURRO CANÁRIO.

O amor é o primeiro da morte.

Não esqueças Guedes

Charadas

I
Lembra-te sempre de tudo,
Da tua imagem laconica,
Nao te esqueças de ti próprio
Oh! Guedes!... Meu grande "bórica"

II
Se estiveres na Ginástica,
E se quizeres saltar
Depois de ter dado o salto,
Nao esqueças que vais no ar.

III
E no refeitório, amigo,
Pense no que vais fazer
Antes de lá entrarestes, acorda
Que só vais para comer.

IV
Sempre que tu vais fumar
Nao te deves distrair,
Se te distraís por acaso
Podes o cigarro engulir.

V
Se te inspirar a paisagem
Fala com o pincel na mão,
Mas não troques o motivo
Pelo focinho dum cão.

VI
Quando já velhinho fores
E não te possas mover
Distrai a vida para sempre
Esquece que vais morrer.

VII
Toma cuidado meu Guedes
E reflecte bem na mente,
Que tantas vezes te esqueces
Que te esqueças para sempre.

O. P. G.

... acidente ...

O Colégio Militar caiu da es-
roca abaixo e partiu três costelas
pelo que recolheu ao hospital "Sem
Peneiras" em estado de não poder
abrir bico. HAVAS

Os cinco mandamentos do

(Pingo-amor)

- Primeiro - Em matéria de "pingenço"
nao ter parceiro.
- Segundo - Nunca ter "lascas"
do mundo.
- Terceiro - Fazer a sorte à dele e
a do companheiro.
- Quarto - Nunca mostrar que de "Pin-
gar" está farto.
- Quinto - Dizer à "pega": acredita
em mim que eu nunca minto.

HAVAS

Um homem geralmente faz loucuras
por uma mulher ou antes dos vinte e
cinco anos ou depois dos sessenta e
cinco. Dr. Narigada.

	1	2	3	4	5	6	7
1		C	O	L	A	R	
2	P		P	A	R		C
3	I	R		R		S	O
4	L	V	A			E	S
5	A	I		M		M	E
6	O		C	A	I		R
7		C	A	S	A	L	

HORIZONTAIS

- 1 - Juntar.
- 2 - Igual.
- 3 - Caminhar para - Único.
- 4 - Planeta - Próximo.
- 5 - Interjeição - Pron. Pessoal.
- 6 - Pende.
- 7 - Granja.

VERTICAIS

- 1 - Aluno dos Pupilos.
- 2 - Nome de homem.
- 3 - Poeira (inv.) - Aqui.
- 4 - A família - Conjunção.
- 5 - Mistura fluida que envolve a terra
- Caminhava para.
- 6 - Preposição.
- 7 - Gosturar.

Camilo da Gama

- o -

+tagridadea
+angulo=rectangulo

Conceito=nome de homem

Tem asas -1

Sogal -1

Letra grega -1

Conceito=Cidade portuguesa

Mulher ruim -1

Bocado -1

Conceito=Animal

Repete -1 bis
Poeira -1 po

Conceito=Príncipe da Igreja

Lamentamos

Encontra-se doente, no Hospi-
tal Militar Principal de Lisboa, o
nosso camarada Tavares Dias.

O seu pronto restabelecimento
é o nosso desejo.

Qual é a coisa mais curiosa que há
neste mundo? Uma mulher que não se-
ja curiosa.

Odeus Nôvo

Consultorio



...o tempo, o maldoso tempo que nin-
guém culpa, roubou-nos um camarada e
amigo.

"Aranhigo", não o esqueceu por-
tão, e hoje, no dia do seu aniversá-
rio, envia-lhe um saudoso abraço.

Medo... Ah! ah!

Quando a mulher e o marido discu-
tem sobre culinária, a mulher vol-
ta para o marido e diz:

"Tens bem que tens os gostos estraga-
dos", o marido responde:
"É verdade, e isso é tão verdade que
estou casado contigo."

...
Ela: Ames-me muito, meu querido!
Ele: Beijando-a sofrega e repeti-
do:
"Tanto e tanto, que o meu
único desejo era que tu tivesses duas
cabeças e duas caras! Não te posso di-
zar mais!..."

...
A cidade de província formou-se
em torno do centro o campo.

...
Fundador e diretor que nela se en-
contra a vida.

...
...a sal como é - ...

...Segundo captai, o director do "Bra-
nço" foi contemplado pela subscri-
ção para as vítimas do ciclone. Será
verdade? A.S.P.

R-V. "Captai" e bem. De facto, no dia
15 de Fevereiro o queixo do Deadem foi
captado por uma chapa de zinco vinda
não sei donde, motivo porque conse-
guiu captar uma indemnização da As-
sociação Reparadora na Medida do Pos-
sível dos Estragos Causados pelo Cic-
lone em Obras de Arte.. Antiga.

P-Em que museu histórico está o cas-
co-tête pertencente ao polícia que
antigamente fazia serviço na praça
do Rio de Janeiro? A.S.P.

R-Em museu para onde eu vou mandar
a sua pergunta: museu das perguntas
parvas.

P-Um dos mistérios do coração da mu-
lher será uma mina de volfrâmio?
B.C.

R-Vê-se mesmo que V., coitadinho, não
conhece o coração feminino. O coração
duma mulher é zero, zero absoluto.

P-A baba do caracol não terá aplica-
ção na cerâmica? B.C.

R-Tem inúmeras aplicações. A baba do
caracol está para a industria da cerâ-
mica assim como o "xi-xi" de grilo es-
tá para a fabricação de rodas quadra-
das para automóveis bicudos.

P-Pode dizer-me porque razão é que
Fires é tão "torcido"? D.

R-Possa, sim senhor. O pires é "tor-
cido" como podia ser abexim, palerma,
fotogénico ou poeta.

P-Como adquirir uma fotografia de
Miss Fan-fan? B. C.

R-É impossível. Miss Fan-fan logo ao
nascer sangrou-se com as fotografias.

P-Se o papel continua a subir de pre-
ço qual será o preço do "Aranhigo"
qui é um ano? M.

R-Dequi a um ano o "Aranhigo" vo-
cá é em prestação mensal e a
pela loteria.